

Saúde não tem preço. Mas tem custo

» JULIANO GASPARETTO
Diretor-geral do Hospital Universitário Cajuru e Hospital Marcelino Champagnat

Água de boa qualidade é como a saúde. Só percebemos o valor dela quando acaba. Problemas com financiamentos, superlotação e déficit recorrente são fatores que colocam em risco a qualidade e a história do Sistema Único de Saúde (SUS) — que, aliás, inspirou o mundo, incluindo a tão admirada NHS, do Reino Unido. Para ter uma ideia, enquanto 75% dos brasileiros são atendidos pelo sistema público, segundo a Agência Nacional de Saúde, 54% de tudo que é pago em medicamentos, atendimentos, exames e procedimentos saem do bolso de empresas ou famílias que mantêm os hospitais. Se a saúde lhe parece cara, não queira saber o preço da sua ausência. Para evitar isso, precisamos que público e privado trabalhem juntos.

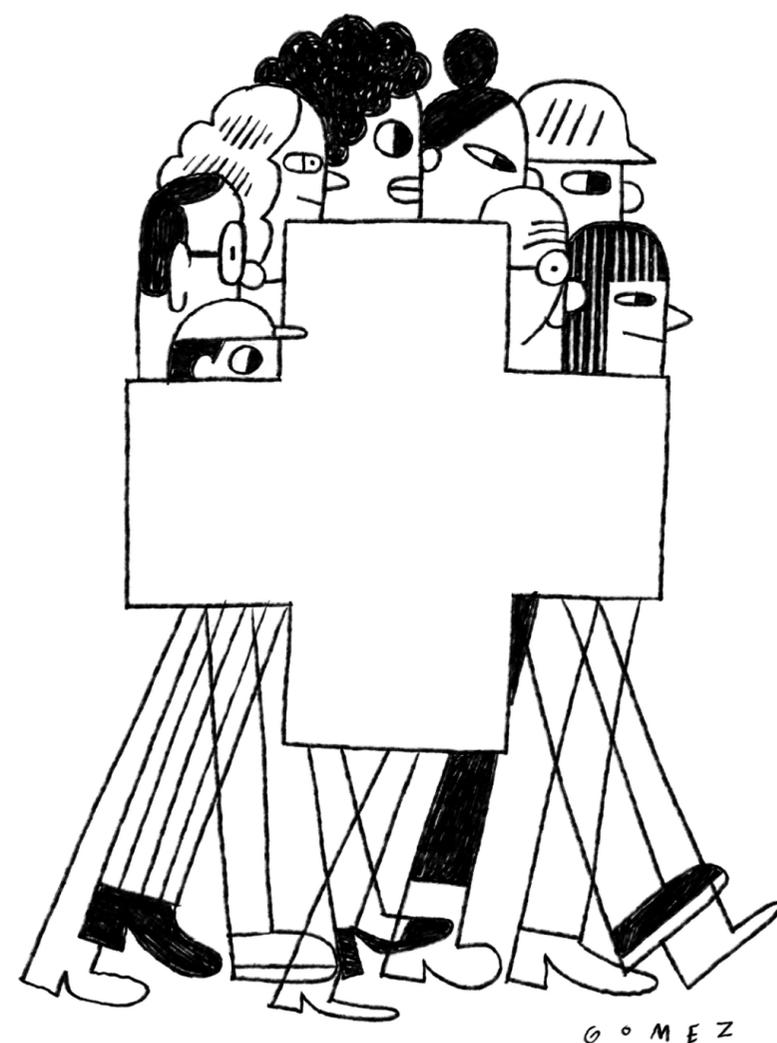
Mas um barco não vai para a frente se cada um remar a sua maneira. Mesmo que privado e público estejam interligados, falta o primeiro estar mais atento às reais necessidades do outro. Enquanto hospitais particulares estão mais focados no atendimento especializado a pacientes que estão internados para cirurgias eletivas e exames mais complexos, os hospitais públicos se destacam na atenção primária. E é nesse ponto que ambos podem unir forças: por meio do cuidado com as pessoas, em vez de apenas tratar doenças ou condições específicas.

O caminho para alcançar o equilíbrio não é fácil, mas ninguém abre cadeados sem chaves. Então, muito provavelmente, a resposta esteja na filantropia. Uma ferramenta eficaz e indispensável, que hoje representa 70% da assistência de alta complexidade pelo SUS e tem mais de 3 milhões de pessoas dependentes dela para ter acesso a atendimento, cirurgia e internação.

Os dados da Confederação das Santas Casas e Hospitais Filantrópicos (CMB) mostram que o desafio imposto às instituições é grande. Principalmente quando o assunto é a atuação dos hospitais na linha de frente da pandemia da covid-19, período que impossibilitou a realização de algumas das principais ações beneficentes de rotina dos hospitais, e trouxe novos entraves para levantar recursos para a manutenção e para a melhoria dos serviços.

Mas, assim como o rio, precisamos aprender a contornar os obstáculos. Qualquer que seja a direção escolhida, a colaboração de todos os agentes de ambos os sistemas, desde os usuários, profissionais de saúde e laboratórios farmacêuticos, até os próprios gestores de hospitais, operadores e membros dos serviços, é de extrema importância. Afinal, cuidar da vida é um objetivo comum, que demanda cooperação, interesse e envolvimento coletivo.

O que poucos entendem é que não precisamos escolher qual dos dois (privado ou público) é melhor. Mas, sim, perceber que há pontos de intersecção e de aprendizado em cada um. O primeiro passo para garantir atenção digna está na qualidade e segurança assistencial. Por isso, a acreditação hospitalar é tão necessária. Já, se a sustentabilidade financeira não for conquistada, será inviável manter o SUS nos próximos anos e, também, dar sequência ao atendimento por meio de planos de saúde. No meio disso tudo não podemos esquecer de olhar para a essência de cada paciente, seja qual for a



condição financeira ou classe social.

O que aconteceu com os hospitais durante a pandemia de covid-19, com falta de insumos, infraestrutura e até mesmo de profissionais capacitados, foi uma demonstração do perigo que é ter um sistema sobrecarregado. Isso traz aos gestores de hospitais a grande missão de tornar esse acesso à saúde perene e sustentável para que a população brasileira usufrua de forma plena o direito à saúde. Se evoluirmos para um modelo centrado no paciente, nas suas necessidades, valorizando os desfechos que realmente importam para ele, fica mais fácil conseguirmos alinhar as expectativas de todas as partes interessadas.

Um trabalho árduo e que, se não for realizado, colocará em xeque os sistemas de saúde. Precisamos aprender com os passos que foram dados para trás e usar isso como estímulo para pensar em quantos passos serão dados para a

frente. Se olharmos com atenção, veremos que podemos tirar proveito do melhor que os dois mundos oferecem. Creio que, com pequenas atitudes, podemos construir juntos um sistema de assistência à saúde melhor.

Além de aproximar os setores público e privado e suas estruturas, é preciso concentrar esforços para melhorar as atuais políticas públicas e prestar muita atenção às necessidades do paciente. Nessa relação, a lei do retorno é praticamente imediata. A forma como lidamos com o problema agora será o resultado que vamos colher no futuro. Portanto, precisamos de mudanças urgentes na forma como os setores público e privado se relacionam, na maneira de remuneração das instituições hospitalares e, também, na sensibilização de todos em relação à importância dos hospitais filantrópicos. Afinal de contas, saúde não tem preço. Mas tem custo.

Ministro Costa Manso: vida e obra

» RUY ALTENFELDER SILVA
Advogado, é presidente da Academia Paulista de Letras Jurídicas (APLJ)

A vida e obra do saudoso ministro Manoel da Costa Manso foi lembrada por seu filho, já falecido Odilon da Costa Manso, e por sua neta Maria da Costa Manso Vasconcellos no livro *Ministro Costa Manso: vida e obra*, lançado em tarde repleta de parentes e amigos.

Odilon, seu filho, iniciou as pesquisas e as escreveu, morrendo antes de terminá-las. Maria, filha de Odilon e neta do ministro Costa Manso deu continuidade ao trabalho e o concluiu. O livro precisa ser lido pelos exemplos do avô e do pai, descritos pela neta Maria.

No capítulo “O mestre dos filhos”, Odilon lembra o seu discurso de posse na Academia Paulista de Letras, exclamando: “Como um poderoso foco de luz a nortear os já muitos caminhos, tantas vezes árduos, que tenho percorrido, esplende o espírito do meu pai. Por isso sei que posso — e devo — neste instante, voltar-me para ele. E repetir, emocionado, em veneração à sua memória, as mesmas palavras com que o saudei em minha posse no Tribunal de Justiça: “Este meu pai! Guia, mestre, modelo, inspiração... Este meu pai!”

O ministro foi um dos grandes juristas brasileiros. Sua obra foi destacada por seu filho. Seus votos e despachos são concisos. Em 10 de dezembro de 1931, Costa Manso foi eleito presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo. Em sua posse proferiu pronunciamento que vale ser lembrado:

“Aos que ficarem sujeitos à minha

autoridade, só prometo justiça. Nessa palavra resumo o meu programa. O trabalho metódico e constante faz da atividade um hábito e converte diligência em inteligência. O estudo bem orientado eleva os menos inteligentes, pela cultura do espírito, ao nível dos homens de talento. Eduque o tímido à vontade e virá a ser forte. Procure o soberbo ou violento convencer-se de que tudo neste mundo é poeira, e conseguirá emparelhar-se aos outros homens, conquistando-lhes o amor. Para que o indivíduo seja aproveitável, basta alimentar o sincero propósito de corrigir seus defeitos”.

Maria da Costa Manso Vasconcellos deu continuidade ao trabalho de seu pai, Odilon, escrevendo na parte II do valioso livro. “Valho-me, então, dos seus escritos, palestras, cartas, inúmeros discursos — não só dele como do próprio ministro e dos seus contemporâneos —, das anotações que tinha feito como esquema do livro, para tentar levar adiante o seu projeto interrompido. Sei que ele programara muitos outros capítulos descrevendo a atuação do ministro: sua ida para o Supremo Tribunal Federal; as reformas que fez por lá; a aposentadoria; a advocacia; as homenagens; o segundo casamento e as relações familiares, e, enfim o caso. Então, que ele me inspire a continuar aquilo que não foi completado!”

Ao se despedir da carreira judiciária, Maria descobriu e descreveu as palavras do avô: “Ao encerrar a minha carreira judiciária devo afirmar ao meu país que sempre considerei

a magistratura um verdadeiro sacerdócio. Na vida pública e na vida privada, jamais enxovalhei a minha toga. Dispo-a usada pelo tempo, mas pura como no momento em que, aos 26 anos de idade, pela primeira vez a enverguei. Jamais violei o direito. Mas nunca me esqueci de que a lei, obra humana, e por isso mesmo imperfeita, é muitas vezes o produto de injunções do momento, nem sempre são justas e procedentes. E que, portanto, deve o juiz, ao aplicá-la, quebrar-lhe os espinhos e suprimir-lhe as arestas, aplinar-lhe a superfície, atendendo a que o bem é o supremo objetivo da norma jurídica. Nunca julguei sob o império de qualquer paixão, interesse, ódio, afeição, contemplação. É possível que algumas vezes me tivesse deixado dominar pela piedade, diante de lágrimas de viúvas ou angústia de oprimidos. Não me arrependo de ter assim procedido, porque a justiça deve ser humana. Nunca me curvei diante do poder ou dos poderosos. Agradeço a vós, meus amigos e meus juizes, o conforto que me trazeis, exatamente no momento em que mergulho na penumbra... Bendito seja Deus, que me proporciona tão insigne glória!”

O tempo não impediu que duas gerações se unissem nesse livro. Se foram quatro mãos a escrever o livro, um só objetivo as uniu: trazer para o presente a figura do pai, do avô... a atuação daquele que foi e sempre será uma figura marcante no meio jurídico: o ministro Manoel da Costa Manso.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Quanta felicidade

Nem dá para imaginar a alegria com que os cidadãos aguardam o retorno do ex-presidente Lula à Presidência do país, trazendo consigo toda a sua conhecida e eficiente equipe. O Brasil, por certo será outro. Ficamos a imaginar a Praça dos Três Poderes toda ocupada por bandeiras vermelhas do Partido dos Trabalhadores, do Movimento Sem-Terra e dos movimentos estudantis, sindicatos. Todos festejando a volta do ex-presidente. Nessa cerimônia grandiosa, estarão presentes também todos os personagens ilustres, que nos últimos anos foram maldosamente desprestigiados como os presidentes dos mais democráticos países da América Latina, como a Venezuela, a Nicarágua, Cuba, Argentina, e outros como o presidente do México e de tantos países governados pela esquerda.

Por certo, o cidadão de bem, aquele que acorda cedo e vai sacolejando nos transportes públicos e que hoje paga altas taxas de impostos, também estará comemorando o retorno desse que é o pai dos pobres e dos desassistidos e que foi injustamente perseguido pelo tirânico ex-juiz Sergio Moro, num julgamento todo ele incorreto e parcial.

Do exterior, têm surgido as mais contundentes mensagens de apoio, como a do ex-deputado Jean Wyllys, que teve que renunciar ao mandato para não ser morto e que agora anuncia que retornará para ajudar o futuro da nação. Diria o filósofo de Mondubim: “Quantas notícias formidáveis!”

Pensar que todo aquele injusto e penoso processo da Lava-Jato, do mensalão e de outros do mesmo gênero, que tantos males causou a todos os envolvidos, serão revistos e anulados, com a devolução dos bens e do dinheiro confiscado, com juros e correção. Também serão ressarcidos todos aqueles que foram caluniados, principalmente o ex-presidente Lula, acusado por gente como o ex-procurador Deltan Dallagnol.

Mal dá para esperar que a Gleisi Hoffmann volte a ocupar a Casa Civil, onde cuidará das importantes ações no campo da política. Também é com grande entusiasmo que a população receberá de volta personagens ilustres como o ex-ministro Guido Mantega ou o ex-ministro Paulo Bernardo.

Estarão em êxtase os funcionários da Caixa, dos Correios, Petrobras e do Banco do Brasil e todos os trabalhadores que terão, finalmente, seus fundos de pensão valorizados e bem distribuídos. Em festa, estarão os milhares de presos em todo o país, que foram postos nessa condição pela perversidade de uma sociedade indiferente aos problemas sociais. Por certo, no novo governo Lula, eles e outros trabalhadores perseguidos pelas elites serão postos em liberdade e compensados pelas injustiças sofridas.

Com todo esse entusiasmo, virão também novos componentes para a suprema corte, todos eles muito afinados com esse novo Brasil que se anuncia. As universidades, finalmente, terão a paz que sempre almejarão e vão poder dar prosseguimento ao excelente padrão de educação que sempre fizeram jus. Também as escolas públicas poderão retomar as magníficas diretrizes educacionais, com a volta da escola, do retorno das políticas de gênero e todo um manancial extraordinário de medidas pedagógicas com vistas ao engrandecimento do partido. O brasileiro nem consegue esconder toda a sua expectativa para esse grande dia. Que venha logo esse glorioso dia para que o Brasil, como diz a canção, “volte a sorrir”.

» A frase que foi pronunciada

“Por mais iludido que você seja, sempre haverá um iludido maior para achar que você não o é.”

Emprestada de Millôr Fernandes

Conhecimento

» Vale conferir o webinar mediado por Alexandre Garcia, do Instituto Villas Bôas. Os assuntos sugeridos são Mineração na Amazônia e os inimigos invisíveis, com Antonio Feijão, geólogo, advogado e presidente da Fundação Amazônica de Migrações e Meio Ambiente (Finama) e A Amazônia que os satélites não conseguem ver: o extrativismo mineral sustentável, um sonho possível, com Marcelo Norkey, garimpeiro e conselheiro de unidades de conservação no Pará. Disponível no *Blog do Ari Cunha*.

Opinião

» Fiquem atentos. Pesquisas indicam tendências, dificilmente apontam, por antecipação, vitoriosos. Ajudam a nortear campanhas. Elas se aproximam de alguns resultados, mas não conseguem captar no cenário real os acasos e as incertezas no comportamento humano. Esse é um extrato da análise do professor e jornalista Aylê-Salassiê Filgueiras Quintão sobre as eleições. Leia o artigo completo no *Blog do Ari Cunha*.

» História de Brasília

Todos os dias de manhã, um ônibus da Fundação Brasil Central faz uma contramão à altura do edifício da Câmara dos Deputados, virando à direita, no Eixo Monumental, em direção ao Bloco 11. No dia em que houver um desastre, surgirão, então, as explicações, mas aí já será tarde demais. (Publicada em 2/3/1962)